

A ESTÉTICA DO RISCO: NOTAS SOBRE O ENSINO DE LITERATURA

Entrevista com o Professor Willian Sampaio Lima de SOUSA, Professor Doutor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB-Campus III)



Por Lia Raquel SAMPAIO

Damos a palavra ao Professor Willian Sampaio Lima de Sousa, Doutor em Letras (PPGL/UEPB); Mestre em Linguística (PROLING/UEPB); Especialista em EAD (CLEAD/UEPB) e Graduado em Letras (UEPB). Professor efetivo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB-Campus III); coordenador dos cursos de Letras (Português/Inglês) na Universidade Estadual da Paraíba. Foi professor substituto da UFPB - campus IV (2013-2015), ministrou disciplinas em cursos de especialização no CINTEP-João Pessoa (Metodologia da pesquisa científica, Texto e contexto, Gêneros textuais - 2012-2017). Atuou com tutor no curso de graduação em Letras Virtual - UFPB (disciplinas: Teoria Literária II, Metodologia do trabalho científico - 2010-2015). Foi professor de língua inglesa no SENAC-PB, FUNETEC-IFPB e em cursos de especialização na Universidade Estadual do Piauí-PI (UESPI). Foi professor (ensino fundamental II) e ministrou oficinas literárias na rede municipal de ensino de João Pessoa. Publica regularmente trabalhos em livros, revistas e anais de congressos nas áreas da linguística, literatura popular, literatura brasileira e crítica literária. Realizou intercâmbio (ERASMUS+) Junto à SOFIA UNIVERSITY ST. KLIMENT OHRIDSKI, Sofia, Bulgária (2019).

1 Sobre as manifestações artísticas, a BNCC destaca que os/as discentes devem desenvolver o senso estético. Como isso interfere no ensino de literatura?

Segundo Afrânio Coutinho (2008, p. 23), “a literatura é um fenômeno estético”, logo, ao focar o caráter estético da literatura, a BNCC evidencia a natureza primeira do construto literário. No que diz respeito à literatura em geral, o documento abarca outras questões importantes. Destacamos que o ensino de literatura preconiza preencher os/as alunos/as com uma ampla diversidade de obras literárias, enseja potencializar o olhar crítico desses/as discentes e visa conscientizá-los/as acerca das diferenças tão presentes em nosso cotidiano.

Voltando ao caráter estético da literatura, a linguagem literária difere da linguagem do cotidiano (automatizada, cujo objetivo é a comunicação instantânea), pois ao produzir um gênero textual (literário), o autor é extremamente rígido na composição de sua arte. Em *Filosofia da Composição*, Edgar Allan Poe (2008) descreve o seu trabalho intelectual na construção de *O Corvo*.

É meu desígnio tornar manifesto que nenhum ponto de sua composição se refere ao acaso, ou à intuição, que o trabalho caminhou, passo a passo, até completar-se, com a precisão e a sequência rígida de um problema matemático.

Mediante esta explicação, a obra de arte é pensada exaustivamente e nada é por acaso, há toda uma precisão e lógica na tessitura das partes do poema concebido por Poe. Em *José*, de Carlos Drummond de Andrade, o eu-lírico afirma que “quer ir para Minas, Minas não há mais”. Em uma primeira leitura, observamos que o eu-lírico quer voltar para o estado de Minas Gerais, mas o estado de Minas Gerais, como era anteriormente, não existe mais. Contudo, uma segunda leitura cuidadosa permite ouvir que *Minas não amais*, ou seja, o eu-lírico não ama Minas. *Sândalo*, de Ângela Ro Ro, apresenta um procedimento interessante. Vejamos: “Agora nada de machado e sândalo / Eu já estou sã da loucura que havia em sermos nós”. No final do primeiro verso, temos o termo “sândalo” e, no verso seguinte, o mesmo termo reaparecerá de modo sofisticado - Eu já estou *sã da loucura*, dessa vez, facultado pela junção entre *sã - da - lo*. Em “O cara de bronze”, Guimarães Rosa concebeu um personagem extremamente egoísta, o seu nome é Moimeichego. Aparentemente, este antropônimo não tem qualquer significado ou lógica em uma primeira leitura, mas, ao lermos com cuidado e separá-lo em partes: moi (francês) – eu; me (inglês) – eu; ich (alemão) – eu; ego (grego) – eu, ou seja, eu-eu-eu-eu, o nome do personagem tem uma relação direta com o seu comportamento. Esta é a natureza estética da arte, em nosso caso, da literatura.

A BNCC quer evidenciar este potencial idiossincrático do objeto literário e, a reboque disso, colocar os/as nossos/as discentes para pensar criticamente, desenvolver o senso estético e fruir. Em um dos trechos do documento, temos a seguinte menção:

Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. (BNCC, Competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental, p. 65).

Nesta citação, destaco dois elementos importantes no âmbito da literatura como arte e o seu valor estético. São eles: 1) desenvolver o senso estético, 2) fruir. Na contemporaneidade, a lógica do capital é flagrante na concepção de bens culturais. No século XX, Theodor Adorno e Horkheimer observam que a lógica capitalista de produção industrial não se restringe aos produtos industrializados. Essa lógica passa a interferir diretamente também na produção de bens simbólicos. O tempo, que na produção industrial é fator preponderante na produção em larga escala, *não compromete a qualidade do produto*. O que não ocorre na produção artística sob a lógica mercadológica, uma vez que a pressão por aumento de produção interfere diretamente na qualidade da obra de arte. Mediante o exposto, na indústria cultural, o artista é objetificado e o processo de mimetização torna-se comprometido. Artistas são submetidos às exigências por criação, limitando a arte a processos simples e que agradem ao senso comum. Os séculos XIX, XX e o início do XXI vêm procriando e patrocinando essa arte redutora indiscriminadamente, principalmente na música. Outro ponto significativo que deve ser considerado, Adorno e Horkheimer desenvolveram esse conceito de indústria cultural buscando situar uma diferença entre cultura popular e cultura de massa. Assim, essa conceituação elucida que não se trata de uma cultura produzida pelos populares, mas uma cultura sob a égide do capital, industrialmente produzida para o consumo em massa (CROCCO, 2009).

Mediante o exposto, temos consumido literatura cujo valor estético é irrisório e não cobra uma segunda milha do leitor. O espectro musical é um veio profícuo para tal empreendimento e os discentes têm um acesso célere à arte em questão. Por ser produzida para um consumo em massa e instantâneo, alguns elementos próprios do objeto artístico como os múltiplos significados, metáforas, jogos de palavras etc são subtraídos em detrimento do automatismo. Recordemos o conto “Um homem Célebre”,

de machado de Assis. Neste conto, o Personagem Pestana é um ser objetificado, tem sua subjetividade suprimida e as suas obras são vazias. Vejamos o diálogo entre Pestana e o representante da indústria fonográfica.

Veio a questão do título. Pestana, quando compôs a primeira polca, em 1871, quis dar-lhe um título poético, escolheu este: *Pingos de sol*. O editor abanou a cabeça, disse-lhe que os títulos deviam ser, já de si, destinados à popularidade, ou por alusão a algum sucesso dodia, - ou pela graça das palavras; indicou-lhe dois: *A lei de 28 de setembro*, ou *candongas não fazem festa*.

- Mas o que quer dizer candongas não fazem festa? perguntou o autor.
- Não quer dizer nada, mas populariza-se logo. (Assis, 1998, p. 371-372).

Como dito anteriormente, vivemos uma crise estética, Machado de Assis já denuncia isto em seus contos, no século XIX, contudo visualizamos o esvaziamento estético do objeto artístico – “não quer dizer nada, mas populariza-se logo” - e o processo de objetificação e anulação da subjetividade criadora. Como sobrepujar essa adversidade aqui e agora? Comparando. Tenho apresentado obras de um mesmo gênero artístico e comparado o valor estético com os meus discentes. Ultimamente, selecionamos um tema: a prostituição e vimos/ouvimos três músicas que versavam sobre o tema em questão e visamos observar em quais os fatores estéticos são mais latentes. Em nossa *playlist*, ouvimos *O mundo é um moinho*, Cartola, *Mora na filosofia*, Caetano Veloso e *Cilada*, Katinguelê. Os/as discentes ouviram e teceram alguns comentários sobre as obras, contextualizaram o momento da produção de cada uma e exerceram o seu olhar crítico. Destacamos que este exercício não é excludente, ele promove, assim como propõe o texto da BNCC, “desenvolver o senso estético”.

No que concerne ao fruir, ao desenvolver a consciência estética, estamos alicerçados na afirmação de Afrânio Coutinho, ou seja, a literatura como linguagem estética. Se a literatura é algo estético, o leitor deve deleitar-se quando estiver em contato com um texto literário ou uma obra de arte de qualidade. Logo, o fruir está correlacionado à tomada de uma consciência estética e o/a leitor/a desenvolverá o olhar crítico referente ao objeto artístico.

2 Com base em Afrânio Coutinho, o senhor aponta que “a literatura é um fenômeno estético”. Como cativar os alunos/alunas por meio desse viés estético?

A BNCC e Afrânio Coutinho estão na mesma página, tomam a linguagem literária pelo seu viés estético. Coutinho afirma ainda que ela (literatura) se apropria de elementos externos, tais como: a religião, fatos sociais, conceitos filosóficos, amor, traição etc; ou seja, são elementos do cotidiano de nossos/as discentes e esse material assumirá um caráter estético. Na perspectiva de Ezra Pound (2006, p. 28), o texto literário é “linguagem carregada de significado”, assim nada está disponibilizado por acaso na tessitura de uma narrativa, um texto dramático, um poema, uma música, um filme. Para uma melhor compreensão de um produto literário, se faz necessário uma leitura atenta dos principais aspectos composicionais da obra. Isso requer uma leitura treinada e ampla. Alberto Manguel, com base em sua experiência como leitor, aponta para duas maneiras de leitura distintas:

Acho que lia no mínimo de duas maneiras. Primeiro, seguindo ofegante os eventos e as personagens, sem me deter nos detalhes, o ritmo acelerado da leitura às vezes arremessando a história para além da última página – como quando li Rider Haggard, a Odisseia, Conan Doyle e Karl May, autor alemão de histórias do Oeste selvagem. Em segundo lugar, explorando cuidadosamente, examinando o texto para compreender seu sentido emaranhado, descobrindo prazer no simples som das palavras ou nas pistas que as palavras não queriam revelar, ou no que eu suspeitava estar escondido no fundo da própria história, algo terrível ou maravilhoso demais para ser visto. (MANGUEL, 2006, p. 27).

No primeiro caso, uma leitura apressada, nós entendemos o enredo da obra, mas os traços estéticos e a lógica dos implícitos não serão observados pelo leitor. O segundo modelo de leitura é assaz elaborado e permite palmilhar os múltiplos significados ocultos no texto artístico.

O ato de apresentar uma obra literária para um grupo de alunos requer uma escolha cuidadosa, porém algumas obras são marcantes e o temas despertam uma certa curiosidade nos discentes. A leitura do poema “As cigarras”, de Sérgio de Castro Pinto (2009) possibilita criar o hábito de desconfiar dos sons em um poema. Vejamos:

as cigarras

são guitarras trágicas.
 plugam-se/se/se/se
 nas árvores
 em dós sustentidos.

kipling recitam a plenos pulmões.
gargarejam
vidros
moídos.
o cristal dos verões.

Ao lermos o título e os quatro primeiros versos desse poema, percebemos uma repetição da seguinte sibilante: /s/. O título do poema evoca o inseto denominado de cigarra. No período de acasalamento, as cigarras emitem uns sons semelhante à repetição da sibilante /s/. Em uma primeira leitura, na perspectiva de Manguel, não perceberemos tal fenômeno, mas, ao sermos alertados sobre a repetição da sibilante /s/, em nossa segunda leitura (Manguel), podemos descobrir o “prazer nos simples sons das palavras”.

Primeiramente, o fruir depende da escolha do *corpus* literário, após este primeiro passo, se faz necessário uma técnica ou modo de apresentação das obras. Uma sequência didática bem elaborada surte um efeito extraordinário e treina o olhar crítico dos alunos em suas aventuras literárias. Neste caso, na perspectiva de Dolz e Schneuwly (2004), subtrairíamos a terceira fase da sequência didática, pois o nosso objetivo não é tornar os alunos escritores, mas leitores competentes. Este pensamento encontra um paralelo na BNCC:

Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. (BNCC, Linguagens, Língua Portuguesa, Ensino Fundamental, p 138).

Com base em “As cigarras”, apontamos somente um fator estético, entretanto outros elementos podem ser lidos e interpretados, tais como: a comparação entre a cigarra e uma guitarra trágica, a menção ao poeta Kipling etc. Uma gama de elementos e significados elípticos podem ser observados neste poema, somente a junção de todos eles nos dará um entendimento amplo do objeto artístico e a sua riqueza estética.

3 O senhor afirmou: “ao ler uma obra literária, o leitor/leitora desenvolve um olhar crítico referente ao objeto artístico”. Como isso influencia nossa leitura crítica da sociedade?

Tomemos como exemplo, um assunto pontual e recorrente em nossa sociedade: o preconceito racial. Este é um assunto punjante no século XXI e se espalha por todos os níveis da sociedade brasileira. Voltemos ao século XIX e vejamos um conto machadiano, cujo título é “Pai contra mãe”. Começemos pelo título. Uma leitura apressada do enunciado sinaliza automaticamente para uma desavença conjugal. Os títulos das obras são disponibilizados para gerar uma *prolepse* ou falsa *prolepse* na mente do leitor. O termo *prolepse* significa “antecipação”. Ao lermos o título da obra, temos uma antecipação falsa referente ao enredo do conto; assim, antevemos uma situação hipotética e somos guiados por ela até o clímax ou desfecho da narrativa. O título “Pai contra mãe” gera uma falsa *prolepse* (entrevero conjugal) devido à automatização dos significados na linguagem do cotidiano. Contudo, ao lermos o conto integralmente, o título da obra fará referência a um embate pela sobrevivência entre um pai (branco e caçador de escravos) e uma mãe (escrava grávida e fugitiva). De modo mais específico, um prélio entre *um pai* e *uma mãe* que corresponde à preservação da vida de dois bebês: um branco e um negro.

No desenvolvimento do enredo, ao capturar Arminda, a escrava faz um alerta ao algoz (Cândido Neves) sobre sua gravidez; contudo, o caçador não esboça um momento de ponderação sobre as semelhanças entre ele (Cândido Neves) e a escrava em fuga, pois ambos estão na mesma situação, ou seja, buscam proteger seus respectivos filhos. O embate entre os pais justifica o título do conto e a criança negra perde o direito à vida, pois: “nem todas as crianças vingam”, afirma Cândido Neves.

Um conto escrito no século XIX abarca uma questão recorrente no século XXI. A temática observada referente ao bebê negro, no conto machadiano, é atual e atemporal no Brasil; pois, a morte aparentemente circunda ou cria tocaias para aqueles que são “pretos desde nascença ou escuro de sol”. Do mesmo modo como Tia Mônica e Cândido Neves (personagens brancos no conto) encontram uma série de escusas para justificar o aborto do infante negro, a sociedade contemporânea age de modo similar ao justificar o grande número de negros que vão “*pra* debaixo do saco plástico”.

Uma retomada arquetípica da imagem final do conto, o aborto de Arminda, pode ser vislumbrada em *Negro Drama*, dos Racionais MC’s. A segunda parte da música inicia-se com uma descrição referente à relação entre uma mãe e um filho em um lugar ameaçador.

“Daria um filme

Uma negra e uma criança nos braços

Solitária na floresta de concreto e aço

Veja, olha outra vez o rosto na multidão
A multidão é um monstro sem rosto e coração”

No rap dos Racionais Mc’s, observamos uma cena semelhante ao desfecho de “Pai contra mãe”: uma mãe negra, solitária e lutando contra a brutalidade da sociedade. A narrativa machadiana está ambientada no Rio de Janeiro (século XIX), um espaço urbano, em franco crescimento demográfico e capital do Brasil. No rap, temos outra ambientação: São Paulo (século XXI), um lugar extremamente urbanizado, populoso e capital econômica do país. Neste local, uma mãe negra e seu filho são apresentados em um lugar inóspito e perigoso: “uma floresta de concreto e aço”; uma metáfora tentando simbolizar a cidade de São Paulo. A segunda parte da música traz uma informação significativa: “a *multidão é um monstro sem rosto e coração*”. Além de estar em uma floresta perigosa, os personagens têm como oposição uma “multidão”, este grupo de pessoas é descrito como um “monstro”/“sem rosto e coração”. Ao estabelecer um paralelo com o desfecho do conto machadiano, podemos observar uma simetria entre os textos artísticos; pois, a perspectiva do narrador, Tia Mônica e Cândido Neves é única referente ao tratamento brutal dado aos escravos. Logo, não observamos um pensamento abrangente e ponderado; mas, uma visualização individualizada e com um mesmo parecer. Isto, simbolicamente, evoca o “monstro sem rosto” presente na música. Sobre a ausência de “coração” – na floresta de concreto e aço – as pessoas perderam o poder de sensibilização, assim como ocorre com Cândido Neves, o personagem é alertado por Arminda sobre a gravidez, mas, em momento algum, o personagem esboça compaixão ou empatia em relação à escrava eo bebê negro.

Traçando um paralelo entre o passado e presente, a mão cândida do algoz atravessou os séculos e permanece presente entre os de tez escura. Observamos como a arte utiliza uma temática tão recorrente em nossa cultura; contudo, alicerçada em questões estéticas. Não é uma simples leitura crítica da sociedade; mas, a utilização de um fenômeno em voga na atualidade (um elemento externo) que se torna interno e assume um revestimento artístico. Esta elaboração artística tem por finalidade colocar o leitor para pensar, problematizar, resistir e reelaborar ideias preconcebidas.

Por meio da literatura (um conto machadiano), um olhar treinado e uma visão crítica sobre a questão racial no Brasil, os/as leitores podem alcançar uma visão diacrônica sobre essa problemática, criar uma série de mediações entre obras artísticas que versam sobre o mesmo tema, pensar e se posicionar criticamente.

4 Sendo a literatura uma arte, como o senhor avalia o desprezo pela cultura nos últimos anos no Brasil?

Em 1933, na peça de Hanns Jost, um personagem assevera: “quando ouço alguém falar em cultura, saco o meu revólver. Esta questão é assaz significativa e merece uma ponderação crítica. Ao ter em mente o processo de estruturação de um regime autoritário e pautado no reacionarismo, a arte é enjeitada drasticamente. O artista e a sua obra não se submetem à pressão governamental ou padrões impostos pela sociedade, ou seja, o artista é livre em seu instituto criativo e, por meio dessa liberdade, a obra de arte atinge o âmago do reacionarismo como um *jab*.”

Em sua *Aula*, Roland Barthes, ao falar sobre literatura, expõe alguns fatores preponderante sobre viés literário:

Mas a nós, que não somos nem cavaleiros da fé nem super-homens, só resta, por assim dizer, trapacear com a língua, trapacear a língua. Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: literatura (BARTHES, 2013, p. 15).

O primeiro destaque corresponde ao termo *trapacear*. Ao trapacear, em literatura, estamos rompendo com um padrão ou regras linguísticas/gramaticais. A poesia concreta adota um procedimento relevante, pois rompe com a sintaxe. Isto é uma pedra de tropeço para o leitor. Contudo, a leitura mecânica de palavras distribuídas em um sintagma é substituída por uma pluralidade e possibilidades de leituras. Neste caso, o leitor é instado a pensar, problematizar, questionar a estruturação de um poema e a mensagem que está latente ou escondida não somente na palavra (Sândalo), mas nos sons e combinações sonoras (As cigarras). Neste caso, a palavra-chave é pensar. Em regimes autoritários, a mensagem é transmitida automaticamente e despida de qualquer necessidade de pensamento, o sujeito absorve passivamente o discurso e transmite sem ponderar o conteúdo. Mediante esta perspectiva, a literatura, ao forçar o pensamento crítico, se apresenta como uma entidade perigosa devido ao seu papel emancipador.

Barthes ainda assevera que podemos ouvir “a língua fora do poder”. A linguagem do cotidiano é automatizada, ela tem por objetivo, em um evento comunicativo, transmitir uma mensagem que seja compreendida entre os agentes da

interação verbal. A literatura trafega por outra rota denominada de: desautomatização da linguagem. Em “A arte como procedimento”, Vicktor Chklovski apresenta essa ideia e a sua funcionalidade em um texto literário. Tomamos como exemplo, o soneto “O morcego”, de Augusto dos Anjos, precisamente o segundo terceto da obra.

A Consciência Humana é este morcego!
Por mais que a gente faça, à noite, ele entra
Imperceptivelmente em nosso quarto!

O primeiro verso correlaciona dois elementos que estão em oposição ou não dialogam em nossa realidade empírica: Consciência Humana e morcego. Seria improvável ao lermos um tratado na área de psicologia/psiquiatria, um dicionário etc, o leitor se deparar com a seguinte definição: Consciência Humana equivale ao termo morcego. Essa impossibilidade sugerida em nossa realidade empírica é possibilitada em um texto literário. Na *Poética*, Aristóteles afirma que: “nas artes é melhor o impossível que convença ao possível que não convença”. Mais uma vez, a palavra-chave é a leitura, não um exame superficial e desatento de uma composição textual, mas um ato de leitura que permita ao leitor tecer um olhar crítico sobre o objeto artístico em análise.

Estamos falando de um processo de leitura especializada e sabemos que 48% da população brasileira não desenvolveu o hábito da leitura. Sem essa “leitura especializada”, crítica, o cidadão brasileiro é facilmente conduzido “por qualquer vento de doutrina” e isso é um bom indício para os donos do poder, pois estes tendem a continuar a sua saga de opressão sem o mínimo incômodo. Uma vez que essa corrente é quebrada, os/as cidadãos/ãs conseguem ler criticamente a barbárie cultural em que estávamos inseridos, a cultura, em seus múltiplos veios, foi/era/é uma válvula de escape que insurge contra um projeto de alienação e *emburrecimento* social.

REFERÊNCIAS

ADORO, T. W e HORKHEIMER, M. **A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. Dialética do Esclarecimento – fragmento filosófico.**

Tradução: Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ARISTÓTELES. **Poética.** Tradução, comentário e índices analíticos e onomástico de Eudoro de Souza. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (col. Os pensadores).

ASSIS, Machado de. **Contos/Uma antologia**. Volume 2. Seleção, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Barthes, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 2013.

CROCCO, Fábio Luiz Tezini. **Indústria Cultural: Ideologia, Consumo e Semiformação**. Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura, v. 11, 2009.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. [Tradução e organização: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro]. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

EICKHENBAUM, B. et al. **Teoria da Literatura: formalistas russos**. 3º ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia da Letras, 1997.

PINTO, Sergio de Castro. **Zoo imaginário**. São Paulo: Escrituras, 2009.

POE, Edgar Allan. **Filosofia da Composição**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

POUND, Ezra. **ABC da literatura**. São Paulo: Cultrix, 1970, p. 13.

Racionais Mc's. **Sobrevivendo No Inferno**. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica ,1997.

Racionais Mc's. **Nada Como Um Dia Após Outro Dia**. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica , 2002.

SOARES, Elza. **Do Cócix Até O Pescoço**. Rio de janeiro: Dubas Musica, 2002.